

**ISSO 0103-8311**

**CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS**

**SÃO PAULO - SP**

**BOLETIM  
CEO**

**Bol. CEO Nº 2 (Reedição)**

**p. 1 - 38**

**Julho de 1986**

# CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

CGC 57.063.992/0001-13

CAIXA POSTAL 64532 05497-970 - SÃO PAULO, SP
---

## DIRETORIA

**Presidente:** Lílana Forneris

**Vice-Presidente:** Luiz Octavio Marcondes Machado

**1º Secretário:** Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

**2º Secretário:** Maria Martha Argel-de-Oliveira

**1º Tesoureiro:** Maria Aparecida Visconti

**2º Tesoureiro:** Suely Sanae Kashino

---

## BOLETIM CEO

**Editor:** Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

**Editores Associados:** Hélio F. de Almeida Camargo e Maria Aparecida Visconti

**Logotipo:** Criação: Luiz Fernando. Arte-final: Rolf Grantsau

**Impressão:** São Vito Ind. e Com. de Papéis Ltda (cortesia)

O *Boletim CEO* propõe-se a ser publicado semestralmente em janeiro e julho e é de responsabilidade do Centro de Estudos Ornitológicos. Tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia e ciências afins.

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange.

Assinatura anual: R\$10,00 ou equivalente.

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

- 03 Aumento das aves urbanas: êxodo rural das aves ou maior interesse do cidadão pela natureza?

### SEÇÃO CIENTÍFICA

- 06 1. Contribuição ao estudo das espécies brasileiras do gênero *Elaenia* (Aves, Tyrannidae)  
**Hélio Ferraz de Almeida Camargo**
- 20 2. Chave para a identificação das espécies de beija-flores (Trochilidae) do Estado de São Paulo.  
**Rolf Grantsau**

### PAINEL

- 24 1. O projeto de nomes de aves brasileiras.  
**Edwin O. Willis e Yoshica Oniki**
- 27 2. O outro lado das aves.  
**Consuelo Manzano Colinvaux**

### NOTAS DE CAMPO

- 34 O bigodinho (*Sporophila lineola*)  
**Luiz Octavio Marcondes Machado**

### 36 CARTAS RECEBIDAS

### 38 INSTRUÇÕES AOS COLABORADORES

## **NOTA DO EDITOR** para a reedição do Boletim CEO N° 2:

Em virtude de diversas solicitações de números anteriores já esgotados do Boletim CEO, decidiu-se pela reedição dos mesmos. Decidiu-se também pela reedição em computador, nos moldes dos Boletins atuais.

Pela necessidade de manter a maior fidelidade possível à edição original, foi necessário utilizar em algumas situações, como na paginação, alternativas de formatação diferentes das que permitiriam os melhores resultados estéticos. Alertamos aos que pretenderem fazer citações bibliográficas detalhadas, que o conteúdo de cada página é rigorosamente o mesmo da edição original, mas o mesmo não ocorre com relação a cada linha.

Nesta reedição foram reformuladas a Folha de Rosto, a página de “expediente”, no verso da primeira e as “Instruções aos colaboradores” (na edição original “Instruções aos Autores”).

Dois erros ocorridos nas páginas 22 e 23 da edição original, posteriormente corrigidos pela ERRATA publicada no Boletim N° 9 foram corrigidos nesta reedição.

Abril de 1996.

Luiz Fernando de A. Figueiredo

## EDITORIAL

### **AUMENTO DAS AVES URBANAS: ÊXODO RURAL DAS AVES OU MAIOR INTERESSE DO CIDADÃO PELA NATUREZA?**

As aves das cidades brasileiras estão aumentando? Esta é uma questão controvertida. Alguns observadores afirmam que sim, enquanto outros assumem uma posição mais cautelosa, exigindo estudos mais conclusivos. De fato, pesquisas neste sentido não são conhecidas. Levando-se em conta levantamentos feitos décadas atrás, na cidade de São Paulo, como os de Margareth Mitchell, nota-se, ao contrário, o desaparecimento de algumas espécies. As medidas de tamanhos de populações e de densidades populacionais não são coisa simples e não estão ao alcance do observador em geral. É desejável o desenvolvimento de uma metodologia simplificada e padronizada, o que ajudaria na comparação dos resultados. A recente publicação de um livro versando especificamente sobre métodos estatísticos em ornitologia é alvissareira. As associações de observadores, em geral sediadas em grandes centros urbanos, podem dar grande contribuição, com o levantamento contínuo das avifaunas dos parques e outras áreas verdes das cidades.

A questão permite até especulações filosóficas: o crescente interesse dos cidadãos pela natureza e por assuntos ambientais não poderia funcionar como um “bias”, resultando numa interpretação romântica de que as aves estariam procurando o convívio com o homem, ou numa interpretação político-ecológica de que estariam fugindo dos ecossistemas naturais depredados?

Uma análise teórica pode falar a favor da te-

se do aumento. De fato, diversas administrações municipais têm se interessado pelo plantio de vegetais de importância biológica para as aves, especialmente os que fornecem alimentos. Alguns destes vegetais são exóticos e portanto são encontrados praticamente ou predominantemente só nas áreas urbanas. As florações e frutificações destes vegetais não poderiam acarretar deslocamentos de aves para estas áreas? Que influência teria a prática da colocação de comedouros e bebedouros para aves sobre suas populações? Em países do hemisfério norte já se constatou que algumas aves deixam de migrar em consequência destas fontes artificiais de alimento. O menor número de espécies na área urbana, com a conseqüente menor competição pelos nichos, não poderia favorecer determinadas espécies, tornando suas populações mais densas que nos ecótopos naturais? Estratégias reprodutivas de algumas aves, que se aproveitam de edificações humanas como locais para ninhos, não poderiam contribuir para um maior sucesso reprodutivo?

Por outro lado, algumas artificialidades também estão em jogo. Nota-se que em alguns parques as aves mostram-se menos ariscas, permitindo uma aproximação surpreendente. É o que se observa, por exemplo, no Parque da Luz, em São Paulo. A antigüidade desta área verde e a contínua e intensa presença humana podem ser explicações para este fato. Este sinantropismo das aves contribui para sua maior detectabilidade o que pode dar a impressão de maior densidade populacional.

No sentido de criar uma “massa crítica” sobre estas questões e de reunir os resultados já conseguidos neste campo de investigação, o CEO está planejando realizar um encontro nacional de estudiosos de aves urbanas. Para isto solicita que os interessados em participarem com a apresentação de

trabalhos nos escrevam fornecendo os seguintes dados:

- a - nome
- b - profissão
- c - instituição onde trabalha ou estuda
- d - endereço para correspondência
- e - referências de trabalhos já publicados relacionados com aves urbanas; no caso de trabalhos não publicados, títulos e resumos dos mesmos (se possível, cópias integrais)
- f - em caso de trabalhos em andamento ou planejados, resumos ou cópias dos projetos de pesquisas

Também serão bem recebidas sugestões de subtemas a serem abordados e quaisquer outras sugestões sobre a realização do evento.

O Editor

## SEÇÃO CIENTÍFICA 1

### CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO *Elaenia* (AVES, TYRANNIDAE)\*

**Hélio F. de Almeida Camargo**

Museu de Zoologia da USP

Caixa Postal 7172

01051 - 000 - São Paulo, SP

Em 1977, Melvin A. Traylor Jr. apresentou as bases sobre as quais assentaria a relação das espécies da família Tyrannidae. Às páginas 149 e 150 da sua contribuição ele caracteriza, sucintamente, o gênero *Elaenia* Sundevall, 1836, qualificando-o de início como "...the most successful of the Elaeniinae genera, with 19 species occurring from southern Mexico to Tierra del Fuego, and from both humid and arid lowlands to above 3.000 meters in the Andes". Esse mesmo autor (1977), à página 148, coloca ao lado de *Elaenia*, como gêneros a ele estreitamente aparentados, *Camptostoma* Sclater, 1857, *Phaeomyias* Berlepsch, 1902, *Sublegatus* Sclater & Salvin, 1868, *Suiriri* d'Orbigny, 1839 e *Myiopagis* Salvin & Godman, 1888. Quanto a este último, à página 149 *in fine*, diz Traylor Jr. : "I recognize *Myiopagis*, but with the knowledge that further anatomical research may suggest either merging it with *Elaenia*, or transferring species between them". São conhecidas as notórias dificuldades que os nossos ornitólogos enfrentam para identificar as espécies brasileiras de *Elaenia*, vulgarmente chamadas de maria-já-é-dia, guracava, cucurutado e fucão. Olivério Pinto (1944: 272, nota 1) já que "...a determinação exa-

---

\* Recebido em julho de 1986



ta dos exemplares de certas formas, extraordinariamente semelhantes e sujeitas a variações, é verdadeiro quebra-cabeças até para os mais experientes...”, e, recentemente, H. Sick (1985, II : 576), abordando os maiores problemas encontrados na identificação das espécies da família Tyrannidae, acentua que elas decorrem da semelhança entre muitas delas, aqui figurando, entre os “representantes esverdeados”, as de *Elaenia*. Daí porque, prossegue ele na mesma página, os representantes do gênero dispõem de rica vocalização (*E. flavogaster*, por exemplo, apresenta duetos), demonstrando que a comunicação nesses pássaros é primeiramente acústica e não visual.

As formas de *Elaenia* alinhadas por Traylor Jr. (1979) como ocorrendo no Brasil são: *E. f. flavogaster* (Thunberg, 1822); *E. s. spectabilis* Pelzeln, 1868; *E. spectabilis ridleyana* Sharpe, 1888; *E. albiceps chilensis* Hellmayr, 1927; *E. parvirostris* Pelzeln, 1868; *E. pelzelni* Berlepsch, 1907; *E. cristata cristata* Pelzeln, 1868; *E. cristata alticola* Zimmer & Phelps, 1946; *E. ruficeps* Pelzeln, 1868; *E. chiriquensis albivertex* Pelzeln, 1868; *E. mesoleuca* (Lichtenstein, 1830); *E. obscura sordida* Zimmer, 1941 e *E. pallatanghae olivina* Salvin & Godman, 1884.

Quanto a distribuição geográfica no Brasil, as formas acima podem ser assim separadas:

1. quase todo o Brasil: *E. f. flavogaster*. No caso particular do Estado de São Paulo, Willis e Oniki (1981) observaram sete espécies de *Elaenia*: *flavogaster*, *parvirostris*, *mesoleuca*, *albiceps*, *cristata*, *obscura* e *chiriquensis*. *E. flavogaster* foi observada, esporadicamente, na cidade de São Paulo (bairro do Planalto Paulista) por M. M. Argel de Oliveira (1986);

2. parte do Brasil: *E. s. spectabilis*, *E. chiriquen-*

*sis albivertex*, *E. albiceps chilensis*, *E. parvirostris* e *E. c. cristata*;

3. leste do Brasil (a partir do sul da Bahia ou do Rio de Janeiro): *E. mesoleuca* e *E. obscura sordida*;

4. distribuição restrita: *E. r. ruficeps* - Amazonas e sul do Pará (Sick, 1986, II: 605), território de Roraima (Moskovits e outros, 1985) e Pará, Tucuruí (Oren, 1981); *E. pelzelni* - Amazonas e Pará; *E. cristata alticola* - território de Roraima, no limite com a Venezuela (Traylor Jr., 1979); *E. pallatangae olivina* - território de Roraima, limite com a Venezuela (Taracuniña, nas cabeceiras do Uraricoera) (Olivério Pinto, 1966: 15 e 139) e *E. spectabilis ridleyana* - Arquipélago Fernando de Noronha: Ilha Grande (Ridley, 1890, *apud* Oren 1982), centro e oeste da Ilha Grande (Oren, 1982), Ilha Rata e Ilha Comprida (Ridley, 1890, *apud* Oren, 1982) e Ilha Rata e em torno da base do morro do Pico (Olson, 1981).

A distribuição geográfica das formas acima, quando desacompanhada do nome do autor e data, é a que consta em Olivério Pinto (1944). Oren (1981) descreveu uma nova subespécie de *E. ruficeps*: *E. r. cooki*, do monte Auyan-tepui, Venezuela. Assim a raça típica *E. r. ruficeps* Pelzeln, 1868 (o tipo é de Borba, na margem direita do Rio Madeira) é a que ocorre no Brasil. Estou com aqueles autores que, adotando a excelente fundamentação de Zimmer (1941: 4, *in fine*), consideram *E. ridleyana* Sharpe, 1888, como subespécie de *E. spectabilis* Pelzeln, 1868 e não de *E. chiriquensis* Lawrence, 1865.

As espécies de *Elaenia* não são pássaros do interior da mata, preferem antes o aberto, com bastante luz, sendo encontradas nas árvores e arbustos dos campos, capoeiras, cerrados, banhados, beira de matas, às vezes pousados no topo da vegetação, em galhos secos. Fitzpatrick (1980) nota que “the genus *Elaenia* is more restricted to densely folia-

ted edge or canopy micro-habitats”. Oren (1982 e 1984) registra, no Arquipélago Fernando de Noronha, três indivíduos de *E. s. ridleyana* “...cada um sozinho, na caatinga onde árvores pequenas se estendiam por cima da vegetação rasteira” e pousados “...em poleiros de altura média nas árvores, sempre com folhagem esparsa por cima e por baixo”. Alimentavam-se, continua ele “...desde a faixa baixa da vegetação até o topo das árvores”.

O ninho é do tipo aberto, em forma de tigela ou taça rasas. Em Euler (1900) e Ihering (1900) estão descritos o ninho e os ovos de *E. pagana* Sclater, 1888 (= *E. flavogaster*); Olivério Pinto (1953) , à página 188, dá a fotografia do ninho, e à página 129 o número de ovos (2) dessa mesma espécie; Oniki e Willis (1983) mencionam dois ninhos de *E. flavogaster*, um a 7,3 e outro a 14 metros do solo, em maio e julho; número de ovos: 2; dão também uma série de referências bibliográficas. Ihering (1900) descreve o ninho e os ovos de *E. obscura*, *E. albiceps* e *E. mesoleuca*, e Traylor Jr. (1982), os ninhos de *E. parvirostris* e de *E. albiceps chilensis*, assim como a localização. A descrição do ninho, localização e ovos de *E. ridleyana* (= *E. s. ridleyana*) foi transcrita por Oren (1982). O ninho de *E. brevipes* descrito por Euler (1900) não pertence ao gênero *Elaenia*, como já havia observado Ihering (1900). *Elaenia brevipes* (Wied, 1831) (= *Muscicapa brevipes* Wied, 1831) é um jovem de *Neopelma a. aurifrons* (Pipridae), como se lê em Ihering (1900) e em Hellmayr (1929: 87, nota 1). Este último autor diz

“...and judging from the grayish forehead, I should unhesitatingly refer it to the same form as the type *M. aurifrons*”, que é de Camumú, sul da Bahia, onde ocorre a raça típica.

Várias das espécies de *Elaenia* mencionadas ocorrem no Brasil em determinada época do ano, como

migrantes. Olivério Pinto (1944: 270, nota 1) fala no aparecimento de *E. albiceps chilensis* de março a outubro. Sick (1985, II: 583) observou-a no Município do Rio de Janeiro, bem como em Itatiaia (limite dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais) em março e abril. Eu a coletei, em março e abril de 1964, nas Ilhas de Búzios e Vitória, ambas no litoral norte do Estado de São Paulo, quando, em bandinhos, freqüentavam aroeiras (*Schinus* sp) carregadas de pequenos frutos vermelhos. Traylor Jr. (1982) situa a área de reprodução de *E.a. chilensis* no sul da Bolívia, na Argentina (de Salta, Santa Fé e Córdoba para o sul, até a Terra do Fogo) e no Chile, acrescentando que ela "...winters commonly north to the Amazon and east of the Andes", e a de *E. parvirostris*, "a lowland species", do centro da Bolívia para o leste, até o sudeste do Brasil, e para o sul até Buenos Aires e Córdoba, na Argentina. Traylor Jr. (1982) diz ainda que *E. parvirostris* "...is probably wholly migratory and is found through tropical South America east of the Andes in winter". *E. chiriquensis albivertex*, segundo Sick (1985, II: 583), é o pássaro mais abundante nos cerrados de Mato Grosso nos meses de agosto e setembro, quando a caminho do ocidente; na mesma época, diz ele linhas adiante, e migrando no mesmo sentido, porém em escala reduzida, aparece *E. cristata*. Recentemente, Cavalcanti e Medeiros (1986), após estudos realizados na Reserva Ecológica da Universidade de Brasília e adjacências, em 1984 e 1985, sugerem que *E. cristata* "...tem populações residentes durante todo o ano em áreas de cerrado stricto sensu" e que "...há forte variação sazonal nos números de *E. chiriquensis* no cerrado stricto sensu, com a chegada de muitos adultos na primavera para a reprodução". Também *E. s. spectabilis* é, segundo Traylor Jr. (1979), possivelmente um pássaro que visita o Brasil como mi-

grante. Estudando a distribuição geográfica de *E. a. chilensis*, Hellmayr (1927: 413, letra a), após citar a presença dessa forma em vários pontos do Brasil, diz "...and it is hard to explain the occurrence of a temperate zone bird in the tropical lowlands". A resposta está em Sick (1985, I: 76), ao esclarecer que ela procura os trópicos e subtropicais, fugindo do inverno frio de seus países de origem, não tanto pela temperatura mais elevada, mas principalmente pela maior quantidade de alimento nas regiões quentes. Como veremos em seguida, as espécies de *Elaenia* alimentam-se largamente de frutos durante boa parte do ano. Esse alimento, juntamente com os insetos, irá formar a reserva de gordura, tão importante para as aves em diferentes fases da vida, inclusive durante os movimentos de migração, como bem acentuou Skutch (1980) ao estudar o arilo como alimento das aves da América Central.

Alimentam-se as espécies de *Elaenia* de insetos e de frutos. Schubart e outros (1965) citam as famílias de insetos representadas no cardápio de *E. chiriquensis albivertex* e *E. cristata* e Fitzpatrick (1980) anota que nos tiranídeos "each group has its own repertory of insect foraging to supplement frugivory"; contudo, quanto aos frutos, "...several groups of genera feed on it heavily during most of the year", sendo certo, porém que, "no tyrannid is known to rely exclusively on fruit". Quanto a *Elaenia* e seus parentes próximos, afirma ele mais adiante: "The *Elaenia* relatives (*Phyllomyias* through *Elaenia*) are primarily generalized frugivores. They forage heavily or exclusively on small berries during seasonal fruiting peaks...". Sick (1985, II: 577) menciona entre as frutas "...bagos de lorantáceas, frutas de sororoca, Ravenala, do camboatá, etc." e Silva e outros (1985), referindo-se a *E. flavogaster* como insetívoro-frugívoro oportunista, enu-

meram as famílias Araliaceae, Cucurbitaceae, Melastomataceae, Moraceae, Sapindaceae, Ulmaceae e Verbenaceae como fornecedoras de frutos para aquela espécie; acrescentam ainda que *E. flavogaster* se alimenta, possivelmente, até de néctar de *Eucalyptus*. No conteúdo alimentar de *E. chiriquensis albivertex*, Schubart e outros (1965) encontraram sementes de *Schinus* (Anacardiaceae). No sul da Costa Rica (Vale El General), Skutch (1980) cita *E. flavogaster* e *E. chiriquensis* alimentando-se dos arilos e frutos de espécies das famílias Euphorbiaceae, Flacourtiaceae, Melastomataceae e Dilleniaceae. Belton (1985, II) em excelente trabalho sobre as aves do Rio Grande do Sul, Brasil, apresenta importantes observações de campo sobre as espécies *E. flavogaster*, *E. spectabilis*, *E. a. chilensis*, *E. parvirostris*, *E. mesoleuca* e *E. obscura*.

Quanto às diferentes estratégias empregadas pelos tiranídeos neotropicais na captura do alimento, Fitzpatrick (1980) observa que as espécies de *Elaenia* adotam, como modo mais característico, o tipo "Fruit/U.H.Gl.", isto é, "Frugivory and Upward Hover gleaning", e como menos importante, "Perch-Gleaning" e "Fruit/Hawk". Para não me alongar remeto o leitor para a definição dos termos acima à figura 1 (página 44) e à página 45 do trabalho de Fitzpatrick. *E. s. ridleyana*, por exemplo, conforme as descrições de Oren (1982 e 1984), adota, principalmente, os comportamentos "upward hover glean" e "perch-glean", e, raramente, "aerial hawk".

Apresento, em seguida, a tentativa de uma chave para identificação, no campo, das formas brasileiras de *Elaenia*. Usei apenas peles de indivíduos adultos, não em muda. Na chave vão incluídas somente as formas que tive em mãos; nela não constam portanto, *E. s. ridleyana*, *E. cristata alticola* e

*E. pallatangae olivina*, só por mim conhecidas através da leitura. Nesse caso, visando auxiliar o interessado, forneço, após a chave, elementos que permitam identificá-las.

1. Comprimento total maior que o de um sanhaço (*Thraupis sayaca*, mais ou menos 163 cm)..... 2  
 Comprimento total igual ou menor que o de um sanhaço..... 4
2. Cabeça, dorso e cauda pardo-escuros; peito pardo claro; restante das partes inferiores branco com discreta sombra parda..... *E. pelzelni*  
 Cabeça, dorso e cauda pardo-oliváceo claro ou mais escuro; peito não pardo-claro; restante das partes inferiores não branco com discreta sombra parda..... 3
3. Coberteiras superiores das asas com três faixas transversais claras; garganta esbranquiçada, peito pardo cinzento, restante das partes inferiores amarelo-claro..... *E. s. spectabilis*  
 Coberteiras superiores das asas com duas faixas transversais claras; garganta cinza-olivácea; peito oliváceo; restante das partes inferiores com predomínio do amarelo vivo..... *E. obscura sordida*
4. Topete ferrugíneo..... *E. r. ruficeps*  
 Topete branco em maior ou menor extensão, às vezes sem nenhum branco..... 5
5. Ventre e coberteiras inferiores da cauda amarelo-claros.....6  
 Ventre e coberteiras inferiores da cauda branco-amarelado claros ou esbranquiçados, com tons esverdeados bem pronunciados.....7

6. Peito pardo oliváceo; sem a terceira faixa transversal nas coberteiras superiores das asas; tamanho menor..... *E. c. cristata*  
Peito cinza; às vezes há uma terceira faixa transversal, bem distinta, nas coberteiras superiores das asas; tamanho maior..... *E. f. flavogaster*
7. Ventre e coberteiras inferiores da cauda branco-amarelado claros..... *E. chiriquensis albivertex*  
Ventre e coberteiras inferiores da cauda esbranquiçados e com tons esverdeados bem pronunciados..... 8
8. Cabeça e dorso pardo-oliváceos; peito pardo claro; a maioria das penas do topete extensamente brancas..... *E. albiceps chilensis*  
Cabeça e dorso mais claros, esverdeados; peito cinza com discretos tons esverdeados ; penas do topete com o branco pouco pronunciado.....9
9. Garganta quase do mesmo colorido que o peito; não mais do que duas faixas transversais nas coberteiras superiores das asas..... *E. mesoleuca*  
Garganta acinzentada, contrastando bem com o colorido do peito; usualmente com três faixas claras transversais nas coberteiras superiores das asas..... *E. parvirostris*

*E. spectabilis rидleyana* (vide Zimmer, 1941: 4, *in fine*): “Seven skins from Fernando de Noronha are darker and a little duller on the anterior under parts than mainland birds; lores and circum-ocular area dark; the bills also are darker and even more slender but equally long, and the wing and tail are within the measurements of true *spectabilis* (males: wing, 86-88 mm; tail, 70.5-76.5; females: wing, 81 - 85.5; tail 85.5 - 72); there are three well-marked



wing-bars; the development of the crest and its basal white area approximate that of *spectabilis*".

*E. pallatangae olivina* (vide Salvin e Godman, 1884: 447) "This is apparently a very distinct species of *Elaenia*, belonging to the group with the white concealed vertical patch. In size it is about the same as *E. albiceps*, but is of a much brighter olive-yellow beneath".

*E. cristata alticola* (vide Zimmer e Phelps, 1946: 15): "Above much darker than *E. c. cristata*, with somewhat duller edgings to the primaries and duller wing bars. Below darker and grayer".

Passo a dar as medidas, em milímetros, tomadas em peles da coleção de estudos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. As da asa e da cauda seguiram as prescrições da clássica contribuição de Baldwin, Oberholser e Worley (1931), páginas 76 e 92, respectivamente, ou seja, do encontro da asa à extremidade da primária mais longa, portanto medida da corda da asa fechada, e entre o ponto de inserção das duas retrizes medianas no pigostilo à extremidade de retriz mais longa, estando a cauda fechada. Como acentuam Baldwin e outros (op. cit.: 93), "As in the case of the wing, the tail is best measured from above." Quanto às medidas do cúlmen, preferi usar "...the now widely used distance from the bill tip to the anterior (i.e., distal) edge of the nostril..." (Parkes, 1985), ou seja, da porção final da pré-maxila à margem anterior da narina. N é o número de indivíduos medidos. Na sistemática do gênero *Elaenia* as medidas têm particular importância. Traylor Jr. (1977), por exemplo, observa à página 150 que em *E. cristata* o comprimento do bico representa 20% do comprimento da asa e nas demais

espécies 16 a 18%; recentemente Alves (1986) acentuou a possibilidade de separação das várias espécies de *Elaenia*, considerando-se, entre outros dados biométricos, principalmente a relação altura e largura do bico.

*E. s. spectabilis*, N=13: cúlmen 8-10; asa 85-94; cauda 79-91

*E. pelzelni*, N=27: cúlmen 9-10; asa 83-93; cauda 72-85

*E. obscura sordida*, N=26: cúlmen 7-8; asa 80-94; cauda 79-97

*E. f. flavogaster*, N=27: cúlmen 7-10; asa 76-88; cauda 74-91

*E. mesoleuca*, N=30: cúlmen 6-8; asa 75-85; cauda 65-75

*E. albiceps chilensis*, N=25: cúlmen 7-9; asa 72-82; cauda 60-70

*E.c. cristata*, N=30: cúlmen 7-10; asa 62-76; cauda 55-77

*E. chiriquensis albivertex*, N=30: cúlmen 7-9; asa 69-82; cauda 61-74

*E. parvirostris*, N=7: cúlmen 6-8; asa 67-75; cauda 61-72

*E. r. ruficeps*, N=1: cúlmen 9; asa 69; cauda 58

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, M.A.S., 1986. Comparação de dados biométricos de *Elaenia* (Aves: Tyrannidae). In: Congresso Brasileiro de Zoologia, 13, Cuiabá, MT. *Resumos*. Cuiabá, 1986. p. 190.

Argel-de-Oliveira, M.M., 1986. Resultados de observações da avifauna do Bairro Planalto Paulista, cidade de São Paulo (SP). In: Congresso Brasileiro de Zoologia, 13, Cuiabá, MT. *Resumos*. Cuiabá, 1986. p. 198.

- Baldwin, S. P., Oberholster, H.C. & Worley, L.G., 1931. *Measurements of birds*. Cleveland, Cleveland Museum of Natural History. ix+165 p. (Scient. Publ. Cleveland Mus. Nat. Hist., 2)
- Belton, W., 1985 Birds of Rio Grande do Sul, Brasil. Part 2, Formicariidae through Corvidae. *Bull. am. Mus. nat. Hist.*, 180 (1): 1-241.
- Cavalcanti, R.B. & Medeiros, R.C.S., 1986. Ecologia de espécies simpátricas do gênero *Elaenia* no Planalto Central. In: Congresso Brasileiro de Zoologia, 13, Cuiabá, MT. *Resumos*. Cuiabá, 1986. p. 185.
- Euler, C., 1900. Descrição de ninhos e ovos das aves do Brazil. *Revta Mus. Paul.*, 9: 9-148.
- Fitzpatrick, J. W., 1980. Foraging behaviour of neotropical tyrant flycatchers. *Condor*, 82 (1): 43-57.
- Hellmayr, C.E., 1927. *Catalogue of birds of the Americas*. Part V. Field Mus. Nat. Hist., publ. 242, Zool. Series, vol XIII. vi+517 p.
- Hellmayr, C.E., 1929. *Catalogue of birds of the Americas*. Part VI. Field Mus. Nat. Hist., publ. 266, Zool. Series, vol XIII. 258 p.
- Ihering, H. von, 1900. Catalogo crítico-comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil. *Revta. Mus. Paul.*, 4: 191-300.
- Moskovits, D. Fitzpatrick, J. W. & Willard, D.E., 1985. Lista preliminar das aves da Estação Biológica de Maracá, Território de Roraima, Brasil, e áreas adjacentes. *Pap. Av. Zool.*, 36 (6): 51-68
- Olson, S.L., 1981. Natural history of vertebrates on the brazilian islands of the Mid South Atlantic. *Natl Geographic Soc. Res. Reports*, 13: 481-492

- Oren, D. C., 1981. *Zoogeographic analysis of the white sand campina avifauna of Amazonia*. Harvard University. 159 p. (Ph.D., Dep. of Biology, Harvard University)
- Oren, D. C. 1982. A avifauna do Arquipélago de Fernando de Noronha. *Bolm. Mus. par. Emílio Goeldi, Nova Série: Zoologia*, (118): 1-22
- Oren, D. C. 1984. Resultados de uma nova expedição zoológica a Fernando de Noronha. *Bolm. Mus. par. Emílio Goeldi, zool.*, 1(1): 19-44
- Parkes, C., 1985. Comentário à 3ª edição de "Identificacion guide to european passerines" de Lars Svensson. *Wilson Bull.*, 97 (2): 244-247.
- Pinto, O. M. de O., 1944. *Catálogo das aves do Brasil; 2. parte Ordem Passeriformes*. São Paulo, Depto Zoologia da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. xi+700 p
- Pinto, O. M. de O., 1953. Sobre a coleção Carlos Estevão peles, ninhos e ovos das aves de Belém (Pará). *Pap. Av. Depto. Zool*, 11 (3): 113-224
- Pinto, O. M. de O., 1966. Estudo crítico e catálogo remissivo das aves do Território Federal de Roraima. *Caderno da Amazônia*, 8: 1-176 (INPA).
- Salvin, O. & Godman, F., 1884. XLVI. Notes on birds from British Guiana, Part III. *Ibis S. 5*, 2: 443-452.
- Schubart, O., Aguirre, A.C. & Sick, H., 1965. Contribuição para o conhecimento da alimentação das Aves Brasileiras. *Arq.Zool.*, 12: 95-249.
- Sick, H., 1985. *Ornitologia brasileira: uma introdução*. Brasília, Universidade de Brasília. 2 v.
- Silva, W.R., Marcondes-Machado, L.O. & Argel-de-Oliveira, M.M. 1985. *Elaenia flavogaster* (Aves: Tyrannidae) como dispersor de plantas de áreas perturbadas. In: Congresso Brasileiro de Zoologia, 12, Campinas, SP. *Resumos*. Campinas, 1985. p. 283.

- Skutch, A. F., 1980. Arils as food of tropical american birds. *Condor*, 82 (1): 31-42.
- Traylor Jr., M.A., 1977. A classification of the tyrant flycatchers (Tyrannidae). *Bull. Mus. Comp. Zool.*, 148(4): 129-184.
- Traylor Jr., M.A., 1979. Subfamily Elaeniinae. In: Traylor Jr., M. A. (ed.) *Check -list of birds of the world*. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. v. 8. p. 3-106.
- Traylor Jr., M. A., 1982. Notes on tyrant flycatchers (Aves: Tyrannidae). *Fieldiana, zool.*, N. ser., 13. Publ. no. 1338.v+22p.
- Willis, E.O. & Oniki, Y., 1981. Levantamento preliminar de aves em treze áreas do Estado de São Paulo. *Revta bras. Biol*, 41(1):121-135.
- Zimmer, J. T., 1941. Studies of Peruvian birds. XXXVI. The genera *Elaenia* and *Myiopagis*. *Am. Mus. Nov.*, (1108): 1-23
- Zimmer, J. T. & Phelps, W.H., 1946. Twenty-three new subspecies of birds from Venezuela and Brasil. *Am. Mus. Nov.*, (1312):1-22.

## SEÇÃO CIENTÍFICA 2

### CHAVE PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES DE BEIJAFLORES (TROCHILIDAE) DO ESTADO DE SÃO PAULO\*

Rolf Grantsau  
Centro de Estudos Ornitológicos

1. cauda coniforme.....2  
diferente.....7
2. lado ventral branco.....3  
diferente.....4
3. asas acima de 63 mm..... **Heliothyx aurita**  
asas abaixo de 63 mm..... **Heliactin bilophum**
4. asas acima de 53 mm.....5  
asas abaixo de 53 mm.....6
5. garganta ocre claro; campo, vegetações abertas.....  
**Phaethornis pretrei**  
garganta com escamas pretas; mata.....  
**Phaethornis eurynome**
6. lado ventral castanho avermelhado; litoral....**Phaethornis**  
**ruber**  
lado ventral cinzento ocráceo; interior.....  
**Phaethornis squalidus**
7. preto com cauda branca, jovem com mancha marrom na  
bochecha..... **Melanotrochilus fuscus**  
diferente.....8

---

\* Recebido em julho de 1986

8. com faixa clara, transversal, no uropígio.....**Lophornis chalybea**  
diferente.....9
9. faixa preta longitudinal no lado ventral.....  
**Anthracothonax nigricollis**  
diferente.....10
10. asas acima de 69 mm; cabeça azul, cauda bifurcada.....  
**Eupetomena macroura**  
diferente.....11
11. com topete..... **Stephanoxis lalandii** ♂  
(topete verde: **S. l. lalandii**; topete azul: **S. l. loddigesi**)  
diferente.....12
12. “orelhas” violáceas..... **Colibri serrirostris**  
diferente.....13
13. pescoço e peito de colorido marrom.....14  
diferente.....16
14. peito estriado de escuro e claro; mata, principalmente litorânea..  
**Rhamphodon naevius**  
peito não estriado.....15
15. bico longo e curvado para baixo, dorso de colorido acobreado....  
**Glaucis hirsuta**  
bico reto e curto, dorso verde.....**Clytolaema rubricada** ♂
16. Garganta vermelha ou violácea brilhante.....17  
diferente.....20

17.	Cauda castanha.....	<b>Clytolaema rubricauda</b> ♂	
	diferente.....		18
18.	bico abaixo de 25mm.....	<b>Callyphlox amethystina</b> ♂	
	bico acima de 25mm.....		19
19.	barriga azul brilhante.....	<b>Heliomaster furcifer</b>	
	barriga verde, com faixa central branca.....		
		<b>Heliomaster squammosus</b>	
20.	garganta azul brilhante.....		21
	diferente.....		22
21.	alto da cabeça azul brilhante, bico vermelho; litorâneo.....		
		<b>Hylocharis cyanus</b>	
	alto da cabeça escuro; bico preto, não ocorre no litoral.....		
		<b>Amazilia lactea</b>	
22.	cauda dourada; bico vermelho; ocorre no interior.....		
		<b>Hylocharis chrysur</b>	
	diferente.....		23
23.	alto da cabeça ou barriga azul brilhante.....		24
	diferente.....		25
24.	barriga verde.....	<b>Thalurania glaucopis</b>	
	barriga roxa.....	<b>Thalurania furcata</b>	
25.	inteiramente verde brilhante, com cauda furcada; bico vermelho.		
		<b>Chlorostilbon aureoventris</b>	
	diferente.....		26
26.	barriga verde ou esbranquiçada, com flancos verdes, cinza ou marrom.....		27
	diferente.....		34



27. uniformemente cinza esverdeado.... **Aphantochroa cirrochloris**  
diferente.....28
28. flancos de cor castanha..... **Callyphlox amethystina**  
(♂ jovem e ♀  
diferente.....29
29. bico acima de 26 mm.....30  
bico abaixo de 26mm.....31
30. garganta escamosa..... **Heliomaster squamosus** ♀  
garganta branca..... **Heliomaster furcifer** ♀
31. uropígio cobre vivo e garganta cobre azulada.....  
**Hylocharis cyanus** ♂  
diferente.....32
32. mancha pós-ocular branca, com início de topete .....  
**Stephanoxis lalandii** ♂  
diferente.....33
33. superciliar branca, base do bico vermelha.....  
**Chlorostilbon aureoventris**  
diferente.....33a
- 33<sup>a</sup> retrizes centrais no mínimo 9 mm mais curtas que as mais  
longas..... **T. glaucopis** ♀  
retrizes centrais jamais 9 mm mais curtas que as mais  
longas..... **T. furcata** ♀
34. grande mancha branca na garganta..... **Leucochloris albicollis**  
diferente.....35
35. cauda azul, quase negra..... **Amazilia fimbriata**  
(no cerrado, **A. f. nigricauda**; no litoral, **A. f. tephrocephala**)  
diferente.....36
36. bico acima de 20 mm; cor verde-amarelada.....  
**Polytmus guainumbi thaumatias**  
bico abaixo de 20 mm..... **Amazilia versicolor**

## PAINEL 1

### O PROJETO DE NOMES DE AVES BRASILEIRAS\*

Edwin O'Neil Willis e Yoshica Oniki  
UNESP - Depto de Zoologia  
Av. 24-A nº 1515  
13506-900 - Rio Claro, SP

No Brasil, cada ave pode ter de zero a muitos nomes vernáculos, além de seu nome científico. O tinamídeo chamado de “perdiz” (*Rhynchotus rufescens*) em São Paulo, tem o nome de “perdigão” no Rio Grande do Sul, onde “perdiz” é o nome da aves (*Nothura maculosa*) chamada de “codorna” mais ao norte. O livro do Dr. Helmut Sick (Ornitologia Brasileira, Editora Universidade de Brasília, 1985) pode usar nome diferente do livro do Sr. J. D. Frisch (Aves Brasileiras, Dalgas-Ecoltec, S. Paulo, 1981) ou do Sr. G. A. de Andrade (Nomes de Aves Brasileiras, IBDF-SOM, Belo Horizonte, 1982).

Em 1983, prevendo que a confusão de nomes em textos publicados estava ficando extensa, Willis apresentou no Congresso de Zoologia, em Belo Horizonte, uma proposta de se utilizar regras internacionais para se determinar e padronizar os nomes de aves em português. Entre estas regras destacou que não poderia haver um mesmo nome para duas espécies de aves; que os nomes devem corresponder à taxonomia correta, quando possível; que os nomes devem ser breves e binomiais e que não devem dar impressão errônea (papa-formigas) ou pejorativa (gavião-papa-pinto).

Em junho de 1985, Willis e Oniki começaram um

---

\* Recebido em junho de 1986

projeto onde nomes de aves brasileiras, utilizando as regras.

A lista de aproximadamente 1600 espécies brasileiras foi dividida em 14 partes. Um nome foi sugerido para cada nome científico, utilizando o livro de Sick, Frisch ou Andrade. Em alguns casos, o nome foi modificado ou um outro nome foi proposto. Com nomes de Rheidae e Tinamidae, a primeira parte da lista foi enviada para ornitólogos profissionais e amadores em setembro de 1985. As 15 pessoas que devolveram a primeira lista, com sugestões e correções, receberam a segunda parte da lista, e assim por diante. No momento, em agosto de 1986, os consultores mais avançados estão recebendo a décima parte da lista, com as chocas e parentes (Formicariidae). Esperamos passar a última parte da lista antes do fim do ano para estes consultores mais assíduos.

Estamos revisando as primeiras partes da lista de acordo com as idéias daqueles que nos responderam. Obviamente, aqueles que não participaram com sugestões não têm suas idéias representadas ainda. Estamos reproduzindo a segunda versão da primeira parte da lista aqui, para qualquer pessoa que queira participar com sugestões e devolvê-las a nós. Queremos enfatizar que nenhum nome está ainda selecionado e a sugestão de qualquer nome considerado mais apropriado será devidamente estudada. Devemos também lembrá-los de que o nome preferido por um consultor pode não ser o escolhido quando outro nome parecer melhor. Depois da segunda edição da lista, deveremos convocar mesas-redondas e comissões para a escolha final dos nomes propostos.

NOMES DAS AVES, 1 (2ª ed.). 01/08/86 - Willis e Oniki <sup>1</sup>

<i>Rhea americana</i>	Ema-grande <sup>2</sup>	(Nhandu = <i>Pterocnemia</i> ?)
<i>Tinamus tao</i>	Macuco-tona	(Azulona?)
<i>Tinamus solitarius</i>	M.-solitário	Trad., nome científico
<i>Tinamus major</i>	Macucaçu	Inhambu-açu, ver <i>C. obsoletus</i>
<i>Tinamus guttatus</i>	Macuco-mirim	(M.-galinha?)
<i>Crypturellus cinereus</i>	Inhambu-pixuna	Pixuna = preto ou escuro
<i>Crypturellus soui</i>	I.-sururim <sup>2</sup>	(Sururim?) (t = s?)
<i>Crypturellus obsoletus</i>	I.-guaçu	A F S (= Andrade, Frisch, Sick)
<i>Crypturellus undulatus</i>	I.-jaó	(Jaó?)
<i>Crypturellus strigulosus</i>	I-relógio	A S
<i>Crypturellus duidae</i>	I-pé-cinza	Trad., inglês
<i>Crypturellus erythropus</i>	I.-peuaí	Onom. pé-ua-í (Snethlage, 1911)
<i>Crypturellus noctivagus</i>	I.-zabelê	(Zabelê?)
<i>Crypturellus variegatus</i>	I-anhangá	Anhanga = diabo
<i>Crypturellus brevirostris</i>	I.-anhangáí	I = pequena
<i>Crypturellus bartletti</i>	I.-sapo	Canto, Borba ao Tapajóz
<i>Crypturellus casiquiare</i>	I.-listrado	Trad., inglês
<i>Crypturellus parvirostris</i>	I.-chororó	(I.-xororó)
<i>Crypturellus tataupa</i>	I.-chintã	(I.-xintã)
<i>Rhynchotus rufescens</i>	I.-apé	Nordeste
<i>Nothura minor</i>	Codorna-mineira	A S (c.-anjo, devido às asas claras no vôo?)
<i>Nothura boraquira</i>	C.-de-cabeça-preta	Minas Gerais
<i>Nothura maculosa</i>	C.-amarela	Rio Paraíba do Sul
<i>Taoniscus nanus</i>	Carapé	(Codorna-carapé?)

<sup>1</sup> Colaboradores nesta 2ª edição, 15 pessoas, desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Os nomes aqui são provisórios, e não devem ser utilizados para outros fins que não sejam a discussão. Outros nomes podem ser substituídos em edições futuras, antes de estabelecer a lista definitiva.

<sup>2</sup> Falar ou escrever o primeiro ou segundo nome separadamente pode ser aceitável, desde que o nome completo seja utilizado uma vez. Qualquer nome regional precisa aparecer uma vez junto com o nome geral. É indesejável qualquer nome ou seu plural que possa confundir duas ou mais espécies, mesmo não-brasileiras. Eventualmente, a lista brasileira deverá ser incorporada numa lista internacional.

## PAINEL 2

### O OUTRO LADO DAS AVES\*

Consuelo Manzano Colinvaux  
Centro de Estudos Ornitológicos

O homem sempre teve a necessidade de tornar explicável para si aquilo que só é concebível no pensamento abstrato, ou na aventura da imaginação; utiliza o símbolo como imagem para ilustrar uma realidade que lhe é fortemente inerente, carregada de conteúdo e significação.

As aves têm, através dos tempos, representado as virtudes mais elevadas do homem, o que têm de mais sublime. Ilustra-nos a tradição islâmica que, ao ascender Maomé ao céu, logo encontrou numa grande praça a árvore da vida, cujos frutos rejuvenescem quem os come. A seus lados, avenidas de árvores imponentes, em cujos galhos viu aves de brilhantes cores e lindo canto: são as almas dos fiéis, enquanto as almas dos perversos encarnam em aves de rapina. As aves, em geral, assim como os anjos, são símbolos do pensamento, da imaginação e da rapidez das relações com o espírito, enquanto que, por outro lado, as aves de vôo baixo simbolizam a atitude terrena, apegada ou, sem dúvida, mesquinha. Para os egípcios, todo ser alado é símbolo de espiritualização; a tradição hindu diz que as aves representam os estados superiores do ser. O significado do pássaro como alma é freqüente em todos os folclores. Nos contos de fadas encontram-se muitos pássaros que falam e cantam; um dos exemplos mais ilustrativos é “O Pássaro Azul”, de Maeterlinck, e aqueles,

---

\* Recebido em junho de 1986

inúmeros, das Mil e Uma Noites. Para Platão as asas simbolizam a inteligência, e por isso temos animais alados como o cavalo (Pégasus), as serpentes de Ceres, o Quetzalcoatl (uma fusão do quetzal, *Pharomachus mocinno*, com a serpente, resultando, literalmente, na “serpente-pássaro”. Tem papel capital na mitologia mexicana, particularmente na dos toltecas, de quem os aztecas conservaram a tradição; representa o deus da paz, do ar e dos fenômenos celestes, tendo participado da criação do mundo). O quetzal tornou-se ave-símbolo da Guatemala, representando a liberdade acima da própria vida, e há inúmeros outros exemplos nas mitologias dos diversos países, como veremos.

Na Roma antiga temos a tradição dos augúrios, que primitivamente consistia na observação, pelos áugures, do canto e do vô das aves, ou do modo como comiam. As aves cujo vô se observava com mais atenção e cujo canto era objeto de particular cuidado eram a águia, o abutre, a coruja, o corvo e a gralha, já que, ao ver daqueles observadores, eram as mais reveladoras. Os romanos receberam essa tradição dos etruscos.

As penas também têm seu papel na simbologia; sozinhas ou em grupos simbolizam o vento e os deuses criadores do panteão egípcio: Ptah, Hathor, Osíris, Ámen. Correspondem ao elemento ar, ao mundo das aves, pelo qual têm um sentido simbólico. Também por esta relação, as culturas que dominam os mitos aéreos, como as dos aborígenes americanos, utilizam as penas como elemento essencial em seus enfeites vestimentais. O grande cocar do chefe índio o faz parecer ao pássaro demiúrgico, ou o coloca em relação com ele. A pena, como sinal determinativo no sistema hieroglífico egípcio, entra na composição de palavras como: vazio, segura, ligeireza, elevação, vô. Segundo São Gregório, as penas simbo-

lizam a fé e a contemplação. A pena para escrever significa “traçador de tudo”, no antigo Egito.

Todos os fatos expostos até aqui poderiam ser resumidos numa só ave mítica: a fênix. Diz a lenda que quando essa ave enxergava próximo o seu fim, fazia um ninho de madeira e resinas aromáticas, que expunha aos raios solares para nele queimar-se e consumir-se na chamas. Da medula dos ossos nascia outra ave fênix. Ela simboliza a periódica destruição e recriação. Na China é a rainha das aves, simbolizando o sol. No ocidente cristão é o triunfo da vida eterna sobre a morte, da imortalidade da alma.

A seguir estão relacionadas algumas aves mais conhecidas e sua simbologia:

**Águia** - símbolo das alturas, do espírito identificado com o sol e do princípio espiritual. A letra A do sistema hieroglífico egípcio é representada pela figura da águia, significando calor vital, origem, o dia. Do Extremo Oriente até o norte da Europa, a águia é a ave associada aos deuses do poder e da guerra. No ar, equívale ao leão na terra. Na Índia tem importante papel como mensageiro. Em toda a arte oriental aparece freqüentemente lutando; é a ave que une os servos terrestres e celestiais. Na América pré-colombiana surge com o mesmo sentido de princípio espiritual e celeste. Na Síria antiga conduzia as almas à imortalidade. No Cristianismo ratifica seu papel de mensageiro celestial. Dante se refere à águia como ave de Deus.

**Abutre** - no hieróglifo egípcio representa a idéia da mãe. Acreditava-se que, por alimentar-se de cadáveres, o abutre teria relação com a mãe natureza (e a morte). Os parses (seguidores de Zoroastro) expunham seus mortos em torres altas para que os abutres os devorassem, a fim de propiciar seu renascimento.

**Cegonha** - ave consagrada a Juno pelos romanos, simbolizando a piedade filial. Figura como emblema do viajante.

**Cisne** - consagrado a Apolo como deus da música, devido à crença de que, pouco antes de morrer, cantava docemente. O cisne vermelho é um símbolo solar. Quase a totalidade dos sentidos simbólicos se refere ao cisne branco, ave de Vênus, representando a mulher nua. Refere-se também à realização suprema de um desejo. Cabe lembrar a lenda de Lohengrin com relação a este mito.

**Corvo** - devido a sua cor negra é associados às idéias de princípio (noite materna, trevas primordiais, terra fecunda). Para os índios norte americanos representa o grande civilizador e criador do mundo visível. Entre os celtas, os germanos, como também na Sibéria, surge com sentido similar. No simbolismo cristão é a alegoria da solidão. Uma derivação interessante do simbolismo do corvo é aquela em que aparece dotado de três pernas dentro de um disco solar, constituindo, assim, o primeiro dos emblemas imperiais chineses significando o Yang, ou seja, a atividade da vida do imperador. As três pernas correspondem à tríade solar, aurora, zênite e ocaso. Para os alquimistas, “corvo” é a putrefação, primeiro passo na Grande Obra Solar, consistente na mortificação inicial da matéria prima, para o seu posterior aperfeiçoamento.

**Galo** - símbolo solar, ave da manhã, emblema de vigilância e da atividade, sendo símbolo cristão de grande importância na Idade Média, presente na maioria dos campanários das igrejas e catedrais.

**Garça** - símbolo da manhã e da geração vital.

**Gavião** - entre os egípcios, gregos e romanos era consagrado ao Sol.

**Andorinha** - ave consagrada a Ísis e a Vênus; alegoria da primavera.



**Falcão** - emblema da alma no antigo Egito, representando, também, Hórus. Na Idade Média cristã é alegoria da má consciência do pecador.

**Íbis** - relacionada com o deus egípcio da sabedoria, Thot; a escolha dessa ave deve-se ao fato de que quando dorme coloca a cabeça embaixo da asa e adota a forma de um coração, e também que o passo do íbis mede exatamente um cúbito, a medida usada para a construção dos templos.

**Coruja** - no sistema hieroglífico egípcio, a coruja simboliza a morte, a noite, o frio e a passividade, assim como no folclore da maioria dos países. Na Grécia, entretanto, simboliza a sabedoria, representada pela deusa Palas Athena, e em Roma por Minerva.

**Pomba** - os eslavos acreditam que a alma toma forma de pomba após a morte. Símbolo das almas na religião cristã, de acordo com as sagradas escrituras, representa a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Em nossos dias, a pomba é o símbolo da paz, com um ramo de oliveira no bico, coisa derivada da história da arca de Noé. Temos aqui um paradoxo: como uma ave tida como agressiva e briguenta torna-se, de acordo com as tradições bíblicas, o símbolo da paz? A pomba que voltava ao Monte Ararat com o ramo de oliveira anunciava a Noé o fim do dilúvio, ou seja, a calmaria das águas e o início de uma nova era de paz para o homem. O simbolismo, e claro, transcende os fatos materiais conhecidos.

**Pavão** - nas moedas romanas designa a consagração das princesas, como a águia dos céares. A cauda do pavão aparece como a união de todas as cores e da totalidade; fica explicado, assim, que na arte cristã apareça simbolizando a imortalidade e a alma incorruptível. O freqüente motivo de dois pavões simetricamente situados junto à árvore cósmica - tema que passou da Pérsia ao Islã, daí à Espanha e ao Ocidente - expressa a dualidade psíquica humana. Cor-

responde também ao crepúsculo. Na mitologia hindu, as penas, com formas que parecem olhos, representam o firmamento estrelado.

**Pelicano** - ave aquática da qual se supunha legendariamente que amava tanto suas crias que as alimentava com seu sangue, e que, para tal, abria o peito com bicadas. É uma das mais conhecidas alegorias de Cristo. Para a Alquimia representa importante retorta empregue na Grande Obra.

**Perdiz** - aparece com freqüência na decoração romana. Vários autores romanos e medievais narram os hábitos da perdiz, que determinam seu caráter simbólico. São Jerônimo explica sucintamente. “Assim como a perdiz, que junta os ovos e incuba os filhotes que não a seguirão, assim o varão ímpio possui riquezas sem direito, tendo de deixá-las no melhor de seus dias”. Outra função simbólica deriva da capacidade da perdiz para o engano.

**Periquito** - não apenas o periquito, senão todos os psitacídeos, têm dupla significação simbólica, reforçada de resto pela invulgar capacidade que possuem de articular palavras: de um lado simbolizam o mensageiro, por essa razão mesma, e de outro a própria alma. Significativo também é que essa ave, na “Linguagem dos Pássaros” do antigo poeta persa Farid ed Din Attar, vive em busca da água da imortalidade.

Deixamos para o fim uma ave especial, o beija-flor. Em que pensavam os deuses ao presentear o Novo Mundo com essa criatura? Diz a lenda mexicana que Toyamiqui, esposa do deus da guerra, conduzia para sua mansão, no Sol, as almas dos guerreiros mortos em defesa dos deuses, e os transformava em beija-flores. O beija-flor é, portanto, símbolo da ressurreição; crença similar existia entre os nossos indígenas. Ficam ainda por desvendar, de outra parte, os grandes mistérios encerrados nas inscrições

**Colinvaux, C. M.**

**Bol. CEO N° 2, 1986**

de Nazca, numa das quais vê-se, nitidamente, um beija-flor...

“Invejamos a sorte do pássaro e emprestamos asas ao que amamos, porque sabemos por instinto que, na esfera da felicidade, nossos corpos gozarão da faculdade de atravessar o espaço como o pássaro atravessa o ar.”

Toussenel, **Le Monde des Oiseaux**

## NOTAS DE CAMPO

### O BIGODINHO (*Sporophila lineola*)\*

Luiz Octávio Marcondes Machado  
Depto de Zoologia  
Instituto de Biologia, UNICAMP  
13.081-970 - Campinas, SP

O bigodinho, ou estrelinha, como também é conhecido, pertence à família Emberizidae, representada por várias espécies de belo canto, que por isso são, infelizmente, utilizadas como pássaros de gaiola. Desde alguns anos para cá tenho notado um decréscimo nos locais onde pode ser encontrada esta *Sporophila*, que por si nunca foi muito abundante, ao contrário do coleirinha, *S. caeruleascens*, espécie co-genérica que, embora também muito capturada, ainda é, hoje em dia, muito abundante.

Estes dois pássaros são bastante semelhantes. O bigodinho é negro e branco, possuindo uma mancha branca, com contornos negros, em cada lado da face, em continuação ao bico. Esta mancha é semelhante a um bigode, e daí o nome popular da ave.

*S. lineola* ocorre no Brasil sententrional e central, inclusive o interior de São Paulo e Minas Gerais. Ocorre também do Norte da América do Sul ao Norte da Argentina. Faz-se interessante notar que o canto deste pássaro no Nordeste difere do apresentado pelos exemplares do Sul, sendo considerado mais melodioso. Parece que nos meses do início do outono há uma migração para a Venezuela, retornando a ave para o Brasil na primavera.

O bigodinho é encontrado em capinzais próximos

---

\* Recebido em junho de 1986

a cursos d'água e em pomares, em especial de frutas cítricas. Utiliza-se de galhos altos de árvores para construir seu ninho, formado por um entrelaçado ralo de raízes finas de capim, comumente de capim colonião. A postura é constituída por 2 ou 3 ovos, que apenas a fêmea incuba. O macho costuma ficar nas proximidades, cantando. Após a eclosão dos ninhegos, tanto o macho quanto a fêmea, mas principalmente esta, levam alimento, que é regurgitado na garganta dos filhotes. Nesta fase levam insetos para os ninhegos, embora a espécie seja considerada apenas granívora - os adultos alimentam-se de sementes de capim.

Após aproximadamente 9 dias, os filhotes, com plumagem semelhante à da fêmea, que é parda, deixam o ninho, mantendo-se nas proximidades deste, e sendo ainda alimentado pelos pais.

A época da reprodução no Estado de São Paulo, segundo minhas observações, vai até fins de março. Na região de Campinas, onde foram realizadas as observações, a espécie é alvo de caça intensa; inclusive os filhotes recém-saídos dos ninhos são capturados, sendo colocados em gaiolas próximas aos ninhos, onde continuam a ser tratados pelos pais. Este costume dificulta em muito a coleta de dados sobre a espécie, e com o passar do tempo levará à extinção do bigodinho em áreas próximas às regiões urbanas.

## CARTAS RECEBIDAS

Edwin O'Neill Willis, da Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, em 12/05/86, aprovando as idéias do artigo "Contribuição para discutir a questão dos nomes vulgares para as aves brasileiras".

Haroldo Palo Jr., do Clube de Observadores de Aves, São Paulo, em 14/05/86, parabenizando pelo lançamento do Boletim CEO e oferecendo colaboração.

Luiz Pedreira Gonzaga, do Museu Nacional da UFRJ, Rio de Janeiro, em 29/05/86, fazendo os seguintes comentários a respeito do Boletim CEO nº 1:

"A arara *Anodorhynchus leari* não foi redescoberta no Raso da Catarina por H. Sick e seus colaboradores (como consta no Editorial e no Destaque), mas verdadeiramente descoberta por eles na natureza em 1978, pois era conhecida até então apenas por exemplares cativos de procedência ignorada."

"Do relato da visita à Ilha Anchieta, chama minha atenção o fato de mais uma vez tomar ciência do envolvimento do Sr. Ladislau A. Deutsch em uma duvidosa operação de manejo da fauna. Estará ele participando do resgate de animais ilhados com o fechamento de represas no interior do país para depois enviá-los a ilhas no litoral? Ou talvez para vendê-los a zoológicos instalados na Amazônia?"

"Sobre a questão dos nomes vulgares para as aves brasileiras, quero frisar que não há con-

sensu entre ornitólogos e observadores de aves brasileiras sobre a necessidade da padronização dessa nomenclatura, como o próprio autor do artigo menciona. Infelizmente, outros afazeres tem me impedido de manifestar por escrito minha opinião sobre este assunto controverso. É bom sinal, entretanto, que apesar de aparentemente acreditar naquela necessidade o autor demonstra perceber com mais clareza do que o nosso respeitável colega Dr. Edwin Willis (que apresentou, em 1983, uma proposta de padronização dos nomes de aves em português no X Congresso Brasileiro de Zoologia, dando o início a essa discussão) os diversos senões que podem com facilidade conduzir ao malogro dessa pretensão.”

Otávio Salles, da Sociedade Ornitológica Mineira, Jacutinga, em 03/06/86, parabenizando o Boletim CEO.

Helmut Sick, do Conselho Internacional para Preservação de Aves, Seção Brasileira, em 06/06/86, parabenizando pelo lançamento do Boletim CEO.

## INSTRUÇÕES AOS COLABORADORES

O Boletim CEO tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia, conservação da natureza, educação ambiental e matérias correlatas. Apresenta as seguintes seções:

**HOMENAGEM/DESTAQUE:** biografias, comentários ou homenagens sobre personalidades do campo da ornitologia. **OBJETIVA:** apresenta entidades ornitológicas, científicas e ambientalistas. **ARTIGOS:** trabalhos de investigação científica originais e inéditos, nos moldes tradicionais. **PAINEL:** revisões de literatura, comentários, relatos, manifestação de opiniões. **NOTAS DE CAMPO:** observações rápidas de campo; materiais e técnicas de estudo de aves. **EVENTOS:** relatórios de eventos ornitológicos, ambientalistas e científicos. **BIBLIOGRAFIA:** são relacionados livros e artigos recentes, publicados em revistas ornitológicas principalmente, e relacionados, em sua maior parte, à avifauna neotropical. Esta bibliografia poderá ser encontrada na Biblioteca do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

**Colaborações:** Os manuscritos (em três vias) devem ser encaminhados ao Editor. Serão apreciados pelo menos por dois relatores e a decisão de publicar ou não no Boletim CEO será tomada pelo Conselho de Editores.

Após a aprovação para publicação, sempre que possível solicita-se que os autores encaminhem versões definitivas em disquete, sugerindo-se a digitação no programa “Word for Windows” ou compatíveis, com o mínimo de formatações. Solicita-se que os autores observem o tamanho da página do Boletim (13x19cm) quando incluírem tabelas ou figuras no texto. No caso de figuras, solicita-se que sua arte-final seja encaminhada já em dimensões compatíveis com o tamanho da página. As Tabelas poderão ser feitas “deitadas”, portanto com 19 cm de largura. Outras orientações mais detalhadas sobre a apresentação do trabalho em disquete serão encaminhadas aos autores em tempo oportuno. O Boletim CEO reserva-se o direito de reformatar o texto segundo seu estilo próprio. Por solicitação do autor ou a critério do editor, será encaminhada ao primeiro prova para aprovação, devendo o autor devolvê-la com sua avaliação final no prazo máximo de 1 semana.

Os artigos de investigação científica devem ser organizados segundo a estrutura formal: Título (conciso e completo, descrevendo o assunto com termos que possam ser indexados adequadamente), Autores (junto ao nome de cada autor deve ser mencionada a instituição em que o mesmo está filiado, acompanhada do respectivo endereço) Resumos (em português e inglês), Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusões, Referências bibliográficas. Evitar notas de rodapé.

As referências bibliográficas no texto devem incluir autor e ano (também a página se o autor o desejar). Referências bibliográficas completas dos trabalhos citados devem ser relacionadas no final, em ordem alfabética do sobrenome dos autores.

Sugere-se seguir para a citação dos nomes abreviados dos periódicos, o “Serial Sources for the BIOSIS Previews Database”.